

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Gabriela Adamatti Rodrigues

**PERCEPÇÕES DE GÊMEOS ACERCA DE ESTUDAR OU NÃO NA MESMA
TURMA**

Porto Alegre
2º semestre
2014

Gabriela Adamatti Rodrigues

**PERCEPÇÕES DE GÊMEOS ACERCA DE ESTUDAR OU NÃO NA MESMA
TURMA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tania Beatriz Iwaszko Marques.

Porto Alegre

2º semestre

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a cada um dos gêmeos que disponibilizou um pouco do seu tempo para participar desta pesquisa, respondendo ao questionário proposto. Muito obrigada pelas suas contribuições!

Um agradecimento também muito especial aos meus amigos, conhecidos e demais que auxiliaram na busca de gêmeos e resgataram seus endereços de e-mail para que eu pudesse contatá-los.

Obrigada à minha orientadora, Prof^a Dr^a Tania Marques, que, com muito carinho, orientou este trabalho, tirando dúvidas, aconselhando, lendo e relendo.

Obrigada ainda a todas minhas amigas pedagogas que conquistei ao longo deste curso e fizeram essa caminhada ser mais leve.

Por fim, agradeço a Deus, meus pais, irmãs e namorado que me incentivaram a chegar até aqui.

RESUMO

Este trabalho investiga quais são as percepções de gêmeos que já concluíram o ensino médio com relação a terem estudado junto ou separado de seu irmão ao longo de todos os níveis de ensino. A pesquisa é de caráter qualitativo e utilizou como instrumento um questionário com perguntas abertas, encaminhado via e-mail a gêmeos para relatarem suas experiências em cada etapa de ensino, desde a educação infantil até o nível superior. Vinte e sete indivíduos participaram da pesquisa. Os resultados encontrados não apontam para uma resposta definitiva sobre ser melhor estudar junto ou separado em geral ou em alguma etapa, visto que as opiniões são bastante variáveis. Contudo, pode-se dizer que há uma preferência, mais específica para educação infantil, em estudar junto. Os estudos científicos pesquisados igualmente não apresentam resultados concretos sobre uma das alternativas ser mais eficaz quanto ao desenvolvimento da capacidade de leitura, habilidades cognitivas e comportamentais.

Palavras-chave: Gêmeos. Escola. Turmas diferentes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REVISÃO TEÓRICA	8
2.1	Relacionamento entre irmãos	8
2.2	Separação de gêmeos na escola	10
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	16
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	17
4.1	Aceitação/proibição da escola em manter gêmeos na mesma turma...	18
4.2	Satisfação/insatisfação de gêmeos em compartilhar a mesma turma..	20
4.3	Benefícios e malefícios quanto aos estudos e à aprendizagem	23
4.4	Questões afetivas envolvidas no período escolar	25
4.5	Amizades	26
4.6	Dependência/independência	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da percepção de gêmeos a respeito de estudar ou não na mesma turma. A ideia era buscar entender o que é melhor para os próprios gêmeos no que diz respeito a estudar ou não com o irmão e compreender se para eles há diferentes entendimentos sobre essa temática em momentos diferentes da vida, ou seja, nos diferentes níveis de ensino. Sabemos que algumas escolas impedem irmãos gêmeos de estudarem na mesma turma e com isso surge também o interesse de identificar o argumento teórico no qual as escolas poderiam se embasar para tal decisão.

O interesse pelo tema surgiu em decorrência do atendimento, como psicóloga e terapeuta familiar, de famílias com filhos gêmeos. Interessada no assunto, fiz meu trabalho de conclusão da especialização em terapia familiar sobre gêmeos, no âmbito da psicologia. Gostei muito de pesquisar sobre este tema e me interessei em pesquisar sobre isso também no âmbito pedagógico. As pesquisas sobre gêmeos no Brasil são em geral direcionadas para a área médica; portanto, penso ser relevante pesquisar sobre gêmeos na escola, podendo contribuir com informações a respeito de tais sujeitos para a área da educação.

Sendo assim, o problema que este trabalho visa a responder é: O que pensam gêmeos a respeito de estudar ou não na mesma turma? Os objetivos que este trabalho busca alcançar são: investigar o que gêmeos pensam sobre estudar na mesma turma ao longo do seu desenvolvimento e compreender os argumentos teóricos a favor e contra a separação de gêmeos da mesma turma. Com isso, pretende-se também contribuir para o conhecimento de pais e professores a respeito de gêmeos estudarem na mesma turma ou não.

O trabalho inicia com uma breve revisão de literatura sobre relação entre irmãos, focando no vínculo desenvolvido entre estes, para assim pensarmos a separação ou não de gêmeos na escola sabendo também de que forma isso afetaria a relação entre os irmãos. A seguir a questão de separar ou não gêmeos em sala de aula é abordada, com base em estudos realizados na Europa e na Austrália, visto a carência de estudos nesta área no Brasil.

Em seguida, apresento a metodologia da pesquisa que, de caráter qualitativo, se deu através da aplicação de questionários encaminhados via e-mail, respondidos

por gêmeos que já concluíram o ensino médio. O questionário com perguntas abertas pedia que o sujeito escrevesse como foi sua experiência com relação a ter estudado junto ou separado de seu irmão gêmeo em cada nível de ensino, desde a educação infantil até a universidade. Responderam ao questionário 27 indivíduos.

A partir da análise das respostas dos gêmeos foram criadas seis categorias: 1) Aceitação/proibição da escola em manter gêmeos na mesma turma; 2) Satisfação/insatisfação de gêmeos em compartilhar a mesma turma; 3) Benefícios e malefícios quanto aos estudos e à aprendizagem; 4) Questões afetivas envolvidas no período escolar; 5) Amizades; 6) Dependência/independência.

Por fim, faço as considerações finais, ressaltando a importância de continuar a pesquisa nesta área e de informar pais e professores sobre o que é o melhor para os filhos e alunos gêmeos.

2 REVISÃO TEÓRICA

Para adentrarmos no tema da separação ou não de irmãos gêmeos na vida escolar é importante termos em vista como se dá a relação entre irmãos e mais especificamente entre irmãos gêmeos. Para isso, inicialmente apresento uma breve revisão com relação a este tema, que logo se vinculará com a questão específica da separação ou não de gêmeos na sala de aula.

2.1 Relacionamento entre irmãos

Parece ser importante compreender a importância do relacionamento entre irmãos para a tomada de decisões por parte dos pais e professores acerca de manter os gêmeos juntos ou separados na escola. Para isso, é necessário ter em mente que não existe apenas um modo de relacionamento entre irmãos, podendo ser formado por diferentes tipos de vínculos (Oliveira e Cerveny, 2010). Segundo Silveira (2002), a relação entre irmãos:

[...] oportuniza o aprendizado da disputa, da admiração, da negociação, da cooperação, da inveja, da imitação, do diferenciar-se, do amar, do dominar, do odiar, do ceder, entre tantas outras habilidades e sentimentos que, através destas trocas, passam a fazer parte das características de cada um de nós (p. 95).

A autora acrescenta ainda que estas vivências servem como um laboratório para as relações sociais que serão experimentadas fora do núcleo familiar e explica que “todas essas conexões afetivas que envolvem os laços fraternos, tornam esta relação muito complexa. Isto porque tal relacionamento envolve uma série de experiências comuns que só podem ser divididas entre os irmãos” (Silveira, 2002, p. 95).

Bank e Kahn (1997 *apud* Oliveira e Cerveny, 2010) afirmam que os vínculos entre irmãos se tornam intensos e exercem influência na formação da personalidade, se, quando criança ou adolescente, os irmãos tiverem tido muito acesso e contato um com o outro. Para Oliveira e Cerveny (2010), “um vínculo de apego é evidenciado entre irmãos quando um é para o outro alguém que supre

necessidades de conforto e segurança, ou seja, constitui-se base segura para o outro” (p. 97).

Vilaginés (2007) explica que nos construímos a partir dos vínculos que estabelecemos e que eles são a base do desenvolvimento da empatia e da segurança, influenciando muito a nossa forma de estar no mundo. Ela acrescenta que o vínculo se relaciona com o desprendimento, o qual fomenta a individuação e permite a diferenciação.

Silveira (2002) acrescenta que os irmãos:

[...] não têm idéia do tamanho do impacto que causam uns sobre os outros. Impacto este que se dá através da mútua socialização, dos comportamentos de ajuda, das tarefas e atividades cooperativas, do simples companheirismo e, também, através de comportamentos negativos, agressivos e dos conflitos experienciados (p. 95)

Oliveira e Cervený (2010) afirmam que as similaridades e diferenças entre irmãos não podem ser atribuídas a ambientes compartilhados ou não compartilhados, e justificam isso em função de que esses ambientes podem não ter sido totalmente desligados e independentes uns dos outros. A partir disto, podemos pensar que separar ou não irmãos gêmeos na escola não influenciaria em dificuldade dos gêmeos em se diferenciarem entre si, em mostrarem para os outros que são pessoas diferentes, com idéias e interesses diferentes.

Vilaginés (2007), em seu livro sobre a pedagogia sistêmica, apresenta três tipos de dimensões educativas: a transgeracional, a intergeracional e a intrageracional. Dentro da dimensão intrageracional, a autora fala da importância da escola observar as relações existentes entre irmãos que estudam na mesma escola, pois o irmão mais velho pode se sentir o responsável pelo irmão mais novo, por exemplo, e que a escola deve entender isso, respeitando, contudo, a autoridade dos pais. Todavia, no caso de gêmeos, a autora afirma que o vínculo entre eles é muito forte e que alguns estudiosos afirmam que é o mais forte que existe. Ela diz que temos que partir deste entendimento e respeitá-los, e não tomarmos decisões de forma estereotipada, por exemplo, não deixando que os gêmeos fiquem na mesma turma.

O estudo com bebês de Lucion e Escosteguy (2011) mostrou escassa interação entre os irmãos gêmeos. Percebeu-se que na maior parte do tempo que estavam juntos os bebês gêmeos pareciam não perceber um ao outro, não brincando entre si ou buscando o outro. Desta forma, constatou-se que os gêmeos

buscam aos adultos mais que a seus iguais, independentemente da proximidade que tenham com o irmão. Dentre as quatro duplas analisadas no estudo, a dupla em que um gêmeo procurou mais pela irmã era a que recebia menos investimento por parte dos cuidadores, mostrando que a procura pela irmã provavelmente ocorria pela carência de cuidados dos adultos, reforçando a necessidade da criança pelo adulto mais do que pelo irmão.

Assim sendo, entende-se que o relacionamento entre irmãos pode se dar de diversas maneiras, destacando-se que quando se trata de irmãos gêmeos essa relação parece ter um vínculo mais forte, especialmente quando se trata de gêmeos monozigóticos, ou univitelinos. Contudo, quando bebês, a relação com o irmão não é mais importante que a presença efetiva de um adulto.

2.2 Separação de gêmeos na escola

Em alguns locais a norma dita que gêmeos devem ficar separados na escola, em outros que devem ficar juntos, e em outros, ainda, que os pais devem fazer a escolha em conjunto com os professores. Algumas escolas individualmente definem a regra a ser utilizada ou permitem que a decisão possa ser dos pais (Coventry *et al.*, 2009). Segundo Tully *et al.* (2004), no Reino Unido e em outros lugares do mundo não é incomum que a decisão sobre manter os gêmeos juntos ou separados na escola seja feita pelos professores sem o consentimento dos pais.

As justificativas encontradas para manter os gêmeos na mesma turma dizem respeito às vantagens que os gêmeos terão em apoiar um ao outro (Webbink, Hay e Visscher, 2007; Tully *et al.*, 2004) e de se tornarem mais confiantes em aula com a presença do irmão (Webbink, Hay e Visscher, 2007). Segal e Russel (1992 *apud* Tully *et al.*, 2004) informam ainda que a decisão de manter os gêmeos juntos está baseado na crença de que separá-los irá causar aflição e poderá levar a dificuldades emocionais.

Já os argumentos utilizados para separá-los estão concentrados no fato de que isto estimularia o desenvolvimento da independência dos gêmeos e poderia prevenir que se tornassem muito competitivos (Webbink, Hay e Visscher, 2007). A relação muito próxima entre gêmeos poderia ser prejudicial para o desenvolvimento

e a separação poderia promover a individualidade e a independência (Koch, 1966 *apud* Tully *et al.*, 2004).

Este tema é de interesse desde a década de 1960 quando o primeiro artigo sobre o assunto foi publicado por Koch em 1966. Naquele estudo encontrou-se que gêmeos separados apresentavam discurso mais avançado e QI (quociente de inteligência) mais elevado. No entanto, problemas metodológicos no estudo tornam difícil a interpretação dos resultados (Tully *et al.*, 2004).

O estudo de Van Leeuwen *et al.* (2005) pesquisa os efeitos a curto e longo prazo da separação de gêmeos da mesma turma na escola, enfatizando os problemas de comportamento e o desempenho escolar. Pais e professores avaliaram crianças holandesas quanto ao comportamento em casa e na escola. Em geral, os gêmeos que não eram separados na escola pontuavam menos nas escalas dos pais para problemas de comportamento. Também foi encontrado que gêmeos separados aos cinco anos de idade tiveram mais problemas de internalização aos sete, isto é, mais problemas como depressão e ansiedade do que os gêmeos que não foram separados.

Por outro lado, foi descoberto que os gêmeos que iniciaram a escola na mesma turma e se separaram aos cinco anos já tinham problemas de externalização aos três. Ou seja, desde antes da entrada na escola percebia-se que problemas tais como agressividade e quebra de regras estavam presentes, o que pode ter sido o fator para separar os irmãos na escola (Van Leeuwen *et al.*, 2005).

Van Leeuwen e colegas (2005) concluíram que a separação dos gêmeos induz problemas de comportamento aos sete anos de idade, contudo, estes efeitos são pequenos e não se fazem mais presentes aos 12 anos. Quanto ao desempenho escolar, os gêmeos que estudaram parte do tempo juntos e parte separados tiveram um desempenho melhor no teste que avaliava habilidades de linguagem, matemática, processamento da informação e orientação no mundo, seguidos dos gêmeos que estudaram sempre juntos durante o período da pesquisa, e depois os que durante este período estiveram sempre separados em sala de aula. No entanto, essa diferença só foi significativa entre o primeiro grupo e o segundo e entre o primeiro e o terceiro, não havendo diferenças significativas entre os gêmeos que foram sempre separados durante este período e os que não foram separados. Desta forma, as autoras recomendam que a decisão de separar ou não os filhos gêmeos

na escola seja baseada no que os pais acreditam ser melhor para os filhos e para eles.

Coventry e seus colegas (2009) concordam com o posicionamento de Van Leeuwen *et al.* (2005) com relação à recomendação de que os pais devam fazer a escolha da turma dos filhos gêmeos de acordo com o que pensam ser melhor tanto para eles, pais, quanto para os filhos. E acrescentam que quanto à habilidade de leitura, os pais não precisam se preocupar que a separação possa impedir o desenvolvimento desta habilidade.

Segundo Coventry *et al.* (2009), que buscavam investigar se a capacidade de leitura de gêmeos australianos e norte-americanos era afetada pela separação na escola, as crianças que estudavam na mesma sala que o irmão no jardim de infância apresentavam escores mais elevados na leitura. Em contrapartida, os que ficaram separados apresentaram mais comportamentos disruptivos¹ e menor habilidade de pré-leitura. Quando avaliados na 1ª série, os gêmeos que compartilhavam a mesma turma que o irmão ainda pontuaram mais na escala de leitura. No entanto, os efeitos da separação dos gêmeos quanto à leitura foram muito pequenos, além de serem explicados pelas diferenças evidentes de leitura e comportamentos anteriores à separação. Quanto aos gêmeos que foram separados após o jardim de infância, os resultados mostraram que a habilidade de leitura também não foi afetada.

Vieira e Branco (2010) alertam que concepções generalizantes sobre gêmeos podem levar a reducionismos e que sempre será necessária uma análise particular para cada caso com relação à tomada de decisões referentes aos procedimentos a se adotar. As autoras exemplificam que se uma criança é excessivamente dependente ou competitiva com relação ao irmão se configura uma relação entre irmãos muito diferente de outra em que ambos convivem bem um com outro e facilmente fazem novos amigos. Assim, para cada uma destas situações, as implicações educativas serão muito distintas.

Em cada caso deve-se analisar o que é mais conveniente e conversar com a família sobre sua própria história. O que temos que ter claro é que entre eles existe uma sintonia muito profunda que tem que ser respeitada porque é impossível mudar esta realidade e podemos acabar criando um nível de sofrimento muito profundo se realizarmos separações forçadas. Devemos observar as atitudes, a relação, e ir buscando o mais adequado em cada momento, já que para eles o processo de individualização nunca

¹ Segundo o DSM-IV-TR, os transtornos do comportamento disruptivo são dois: transtorno de conduta, que se caracteriza por um padrão de comportamento que viola o direito dos outros e as regras sociais, e transtorno desafiador de oposição, que se caracteriza por comportamentos negativistas, hostis e desafiadores (American Psychiatric Association, 2002).

será como de outro aluno, de modo que não podemos aplicar os mesmo critérios (VILAGINÉS, 2007, p. 61, tradução minha).²

Já David *et al.* (2000) apresentam uma visão mais enfática. Explicam que muitas pesquisas mostram que os gêmeos que ficam juntos na pré-escola se dão melhor acadêmica e socialmente do que os que são arbitrariamente separados. Com isso, acreditam que os gêmeos que são separados muito cedo tendem a ficar ansiosos sobre o que o irmão está fazendo, não conseguindo se concentrar em aprender e socializar-se. As autoras citam Malmstrom (1987), afirmando que existe um momento certo para a separação dos gêmeos devido ao grande grau de dependência entre eles e que caso sejam separados antes de aprenderem autonomia e independência poderão apresentar sequelas no aprendizado.

Webbink, Hay e Visscher (2007) pesquisam os efeitos da separação de gêmeos na Holanda sobre a linguagem, aritmética e QI na 2ª, 4ª e 6ª séries. O que encontraram de mais significativo foi que na 2ª série os gêmeos não separados apresentavam melhores rendimentos com relação à linguagem e à aritmética. Outro resultado foi que os gêmeos separados por três anos ou mais aumentaram o desempenho na linguagem da 6ª à 8ª série, mas este foi um resultado encontrado apenas para as duplas de sexo diferente. Para as séries seguintes não foram encontrados efeitos da separação sobre as habilidades cognitivas. Quanto ao QI, não houve diferenças significativas. Com isso, os autores concordam que deixar a decisão sobre a separação ou não dos gêmeos possa ser feita pelos pais, uma vez que cognitivamente falando também não foram encontradas evidências de que seria melhor separá-los ou mantê-los juntos.

O estudo de Tully *et al.* (2004), realizado no Reino Unido, compara três grupos de gêmeos durante a entrada na escola, aos cinco anos de idade, até os sete anos de idade. O primeiro grupo era formado pelos pares que estudaram juntos durante todo esse período, o qual abrangia 61% da amostra. O segundo grupo, com 18% da amostra, era formado pelos que permaneceram todo o tempo separados na escola e o terceiro grupo, com a mesma porcentagem do segundo, era composto

² “En cada caso debe estudiarse qué es lo más conveniente y hablarlo com la familia según su propia historia. Lo que debemos tener claro es que entre ellos existe una sintonia muy profunda que hay que respetar porque es imposible cambiar esta realidad y lo único que podemos conseguir es crear um nivel de sufrimiento muy profundo si realizamos separaciones forzadas. Debemos observar los hechos, la relación, e ir buscando lo más adecuado en cada momento, ya que para ellos el proceso de individualización nunca será como el de outro alumno, de modo que no podemos aplicar los mismos criterios” (p.61).

pelos que entraram juntos na escola, mas aos sete anos estavam em turmas separadas. Um quarto grupo foi formado, mas não entrou no estudo pela baixa quantidade de participantes. Este, com 3% da amostra, era composto pelos gêmeos que entraram em turmas separadas e aos sete anos estavam estudando juntos.

Tully e colegas (2004) encontraram resultados muito parecidos com o de Van Leeuwen *et al.* (2005). O segundo e o terceiro grupos foram identificados com mais problemas de internalização, sendo que o terceiro grupo também apresentou escores de leitura mais baixos. Considerando isto, percebe-se que a separação, mesmo um pouco mais tardia, não se torna mais fácil que a separação assim que se entra na escola.

Um achado específico do estudo de Tully *et al.* (2004) é a diferenciação entre os achados dos gêmeos monozigóticos e dizigóticos. Seus resultados indicam que gêmeos monozigóticos apresentam mais problemas como resultado da separação na escola e isso se relaciona com o fato de que os monozigóticos possuem uma relação mais próxima que os dizigóticos (Segal, 1984, 1988; Segal e Hershberger, 1999 *apud* Tully *et al.*, 2004). Tully e colegas (2004) acreditam que por essa razão é possível que pais e professores hesitem mais em separar gêmeos monozigóticos, além de os próprios gêmeos monozigóticos possivelmente serem mais relutantes à separação.

Quanto aos problemas de externalização, Tully *et al.* (2004) não encontraram diferenças entre os grupos. Eles entendem que se o fato de separar gêmeos na escola resulta em problemas de internalização, seria benéfico para os gêmeos permanecerem na mesma turma pelo menos nos primeiros anos da escola. Além disso, o período de ansiedade pela separação na escola não é temporário. Com isso, eles concluem que a separação pode estar relacionada com o desenvolvimento de problemas emocionais.

Tully e colegas (2004) alertam:

Os achados deste estudo indicam que qualquer decisão em separar gêmeos nos primeiros anos da escola devem ser feitas com cautela e envolvem planejamento e acompanhamento. Educadores e pais devem monitorar gêmeos separados quanto a sinais de distúrbios emocionais ou dificuldades de leitura, e deve-se buscar intervenção para crianças que experenciam dificuldades persistentes (p. 122, tradução minha).³

³ “[...] the findings of this study indicate that any decision to separate twins within the first few years of school should be taken with care and involve considerable planning and follow-up. Educators and parentes should monitor separated twins for signs of emotional disturbance or reading difficulties, and intervention may be required for children who experience marked or persistent difficulties” (p. 122).

Tully *et al.* (2004) ressaltam ainda que até então não haviam sido encontrados os efeitos da separação de gêmeos sobre o seu desenvolvimento e nem mesmo se sabia se havia algum efeito. Webbink, Hay e Visscher (2007) afirmam que seus achados também não sustentam alguma preferência por separar ou não os gêmeos. Coventry *et al.* (2009) e Van Leeuwen *et al.* (2005) mostram que também não há alguma forte evidência para separar os gêmeos ou para mantê-los juntos. Assim, vemos que entre os estudos internacionais ainda não foram encontrados informações suficientes para embasar uma decisão a esse respeito.

Nos estudos nacionais, no entanto, também não temos pesquisas suficientes para afirmar que uma ou outra escolha seja a melhor opção. Aliás, não encontramos nenhum estudo específico nesta área no Brasil. O que se encontrou foram apenas ideias sobre o assunto quando o foco do estudo era outro. Assim, percebe-se neste estudo que aqui temos opiniões mais variáveis sobre o tema, mas que, no entanto, são apenas opiniões e não dados científicos.

Um projeto de lei (PL nº 48/07) foi criado no Brasil com o objetivo de acrescentar ao inciso V do artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que previa o direito do acesso à escola pública, gratuita e próxima da residência, a garantia de que os irmãos gêmeos não seriam separados em qualquer hipótese. Contudo, a alteração não foi aprovada, rejeitando a proibição de separação de gêmeos. A justificativa dada é que não poderia ser obrigatório o compartilhamento da mesma sala de aula entre os irmãos gêmeos (Instituto dos Advogados Brasileiros, 2008). Embora nada tenha sido alterado na lei com relação à separação ou não de gêmeos na escola, houve uma evolução, pois foram pensadas alternativas para a questão, sem imposição de regras rígidas. Portanto, no Brasil cabem às escolas e/ou aos pais definirem o melhor para os gêmeos, visto que não há políticas a este respeito.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, e foi realizada através de aplicação de questionários individuais em gêmeos. O critério de inclusão era já ter concluído o ensino médio e ter até 30 anos de idade. Os sujeitos foram encontrados por sugestões de conhecidos da autora. Os questionários foram encaminhados e respondidos via e-mail. Ao total foram encaminhados 40 questionários, dos quais 27 foram respondidos. Ao responder o questionário o sujeito aceitava participar da pesquisa, consentindo com quaisquer informações divulgadas, exceto dados que pudessem identificá-lo. Foram elaborados dois questionários, com mudanças apenas no gênero. Abaixo segue o questionário encaminhado para todos os sujeitos em que sua dupla era do sexo feminino:

Olá, meu nome é Gabriela Adamatti Rodrigues, sou estudante da 8ª etapa do curso de Pedagogia da UFRGS e estou fazendo meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a percepção de gêmeos acerca de estudarem juntos ou separados. Para isto, preciso da sua ajuda para responder o questionário a seguir. Não serão utilizados dados que possam identificá-lo. Ao responder este questionário você estará aceitando participar da pesquisa. Obrigada pela sua colaboração!

Atenção: É importante que você responda ao questionário individualmente para que as suas respostas reflitam unicamente a sua opinião!

1. Dados pessoais:

- a) Sexo:
- b) Idade:
- c) Escolaridade:
- d) Ocupação atual:
- e) São gêmeas univitelinas ou bivitelinadas?
- f) Além da irmã gêmea, tem outros irmãos? Se sim, quantos e quais as idades?

2. Por favor, responda a cada item especificando **se neste período você estudou na mesma turma** que sua irmã gêmea e **relatando sua experiência** quanto ao fato de ter estudado junto com ela ou separado. Conte se você teve uma boa experiência ou não e quais foram os **aspectos positivos e negativos em cada momento**. Se considerar relevante, destaque se neste momento, você estudava na rede pública ou privada.

- a) Experiência na educação infantil (creche, pré-escola)
- b) Experiência nos anos iniciais do ensino fundamental (de 1ª a 4ª série)
- c) Experiência nos anos finais do ensino fundamental (de 5ª a 8ª série)
- d) Experiência no ensino médio (2º grau)

3. Se você já cursou ou está cursando nível superior, relate sua experiência quanto ao fato de estudar junto ou separado de sua irmã gêmea na universidade e as profissões que seguiram. Se não cursou nível superior, conte a sua expectativa com relação a possíveis estudos futuros e se envolve a sua irmã gêmea ou não.

4. Algo mais a destacar?

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Foram encaminhados questionários para 20 pares de gêmeos, totalizando 40 indivíduos. Vinte e sete questionários foram respondidos, sendo estes 10 pares de irmãos e sete indivíduos em que os irmãos não responderam à pesquisa. Todos os gêmeos tinham entre 18 e 30 anos. Das duplas que responderam, sete eram formadas por duas meninas, uma dupla era de meninos, e uma era um casal de irmãos. Dos que responderam sem a participação do irmão, cinco formavam duplas de meninas, um formava uma dupla com outro menino e um era um menino que tinha como gêmea uma irmã. Segue abaixo tabela explicativa:

Gêmeos	Sexo	Idade	Tipo	Predomínio da vivência escolar
A1 e A2	♀ ⁴ e ♀	28	Bivitelinas	Juntas
B1 e B2	♀ e ♀	19	Bivitelinas	Juntas
C1 e C2	♀ e ♀	18	Bivitelinas	Ambas as formas
D1 e D2	♀ e ♀	18	Univitelinas	Juntas
E1 e E2	♀ e ♀	25	Univitelinas	Juntas
F1 e F2	♀ e ♂ ⁵	20	Bivitelinos	Juntas
G1 e G2	♂ e ♂	30	Bivitelinos	Separados
H1 e H2	♀ e ♀	22	Univitelinas	Juntas
I1 e I2	♀ e ♀	25	Univitelinas	Juntas
J1 e J2	♂ e ♂	30	Univitelinos	Separados
K	♀ e ♀	26	Univitelinas	Juntas
L	♂ e ♂	19	Bivitelinos	Separados
M	♀ e ♀	27	Bivitelinas	Separadas
N	♂ e ♀	21	Bivitelinos	Ambas as formas
O	♀ e ♀	29	Bivitelinas	Separadas
P	♀ e ♀	25	Univitelinas	Ambas as formas
Q	♀ e ♀	21	Univitelinas	Ambas as formas

⁴ Feminino

⁵ Masculino

Para não serem identificados, os participantes foram nomeados com letras e números. Assim, cada dupla de irmãos recebeu a mesma letra do alfabeto e o número 1 ou 2. Os gêmeos que participaram da pesquisa sem os irmãos receberam apenas uma letra sem número. Também a fim de que se preservasse a identidade dos participantes, algumas falas que continham nome das instituições de ensino, nome do irmão ou profissão foram alteradas.

A ideia era que os participantes da pesquisa refletissem e escrevessem sobre a experiência de estudar junto ou separado do irmão gêmeo em cada etapa de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior. O interesse deste trabalho era avaliar a sensação que tiveram em estudar juntos ou separados e o que pensam sobre isso, trazendo aspectos positivos e negativos sobre a sua experiência.

Vale ressaltar que apenas seis dos 17 pares de gêmeos estudaram da educação infantil ao ensino médio o tempo inteiro juntos, sendo que todos os demais tiveram experiências de estudar tanto juntos quanto separados. Se for incluído o período pós-escola, apenas uma dupla de irmãs que estudaram juntas ao longo de todo esse período permaneceu estudando junto na universidade.

As categorias que surgiram em decorrência da análise dos questionários foram seis: 1) Aceitação/proibição da escola em manter gêmeos na mesma turma; 2) Satisfação/insatisfação de gêmeos em compartilharem a mesma turma; 3) Benefícios e malefícios quanto aos estudos e à aprendizagem; 4) Questões afetivas envolvidas no período escolar; 5) Amizades; 6) Dependência/independência. Como as categorias não são excludentes e se relacionam entre si, algumas frases que estão em uma categoria poderiam ter sido encaixadas em outra também. Entretanto, tentou-se encaixá-las na categoria que parecia ser mais relevante.

4.1 Aceitação/proibição da escola em manter gêmeos na mesma turma

Com relação à primeira categoria, “Aceitação/proibição da escola em manter gêmeos na mesma turma”, foram encontrados em seis questionários frases que deixavam claro que os gêmeos não puderam ficar juntos em função de a escola não permitir. Alguns exemplos foram: “*Nesses dois últimos anos estudamos separadas, pois a escola não deixava irmãos ficarem juntos*” (A1), “*Nos anos iniciais, pelo fato*

de a escola não aceitar que gêmeos estudassem juntos, ficamos em turmas diferentes” (C2).

No entanto, alguns gêmeos explicitaram sua opinião sobre este assunto. Alguns não entendem essa posição da escola e gostariam que isso não tivesse acontecido: *“O que sempre pensei foi que não fazia sentido separar gêmeos, o que me diziam era que poderíamos nos isolar dos outros, mas isso não aconteceu conosco e ficávamos chateadas em estar separadas. Acho que era pior” (A2), “Tivemos que trocar de escola e essa nova escola não permitia irmãos estudarem juntos, o que é estúpido na minha opinião” (D2).*

Houve também casos em que gêmeos não se importaram com a separação determinada pela escola: *“Nessa época estudei separado dele no colégio, pois lá eles não permitem irmãos estudarem juntos [...] Não tenho recordações ruins por estarmos separados” (G1).*

Em outros questionários apareceu a separação, mas sem ficar explícita a sua razão. Porém, ainda houve um caso, relatado pelas duas irmãs de uma dupla, em que nos anos iniciais *“as professoras cogitaram a ideia de nos separar de turma” (B1)*, demonstrando que embora não tenham sido separadas pela escola, essa alternativa foi levantada.

Chama atenção um fator relatado por J2: *“Na 5ª série ainda estudávamos em turmas diferentes, mas na 6ª série o colégio permitiu que irmãos e parentes estudassem na mesma turma. O colégio que estudamos desde a pré-escola até o final do ensino médio foi um colégio privado e sempre o mesmo.”* O participante explicita com essa fala a mudança de opinião da escola com relação à separação de irmãos gêmeos, que, em um determinado ano, resolveu desfazer a regra que proibia que irmãos gêmeos estudassem na mesma turma e aceitar essa opção. A partir daquele momento J1 e J2 passaram a estudar juntos. Não se sabe o motivo pelo qual a escola repensou este assunto, mas parece positivo o simples fato de a escola refletir e experimentar outras alternativas.

Outra frase interessante também surgiu de J2, que cursou a mesma faculdade que o irmão: *“Até hoje meu irmão tem interesse em trabalhar na mesma empresa que eu, mas o RH⁶ da minha empresa não permite que irmãos ou parentes trabalhem na mesma área sob a mesma gerência”.* Com isso, identificamos que não

⁶ Recursos Humanos

apenas escolas, mas também empresas não permitem que irmãos trabalhem no mesmo setor. Desta forma, poderíamos estender a discussão de por qual motivo isto acontece. Se as justificativas para não permitirem que irmãos estudem na mesma turma é por não conseguirem desenvolver autonomia, qual seria a justificativa para a proibição de irmãos trabalharem juntos? Pressupõe-se que nesta faixa etária a autonomia já está adquirida e mesmo que não estivesse não seria papel da empresa desenvolvê-la. Ainda, se irmãos trabalham bem juntos poderiam desenvolver na empresa um trabalho ainda melhor.

4.2 Satisfação/insatisfação de gêmeos em compartilhar a mesma turma

Em todos os questionários apareceram comentários a respeito de ter sido agradável ou desagradável compartilhar ou não compartilhar da mesma turma, ou pontos positivos e negativos a esse respeito, conforme solicitado no questionário. Porém as opiniões apareceram de diversas formas, uma vez que o questionário separava os níveis escolares. Percebe-se que em muitos questionários apareceram a satisfação em estudar na mesma turma que o irmão: *“Preferia estar na mesma sala que ela”* (A1), *“Ficamos muitos tristes em termos que estudar separadas”* (D1), *“Eu acho que a vida escolar não teria sido tão satisfatória se não estivéssemos juntas”* (D2), *“Sempre preferimos estudar juntas”* (Q).

Em geral, não apareceram opiniões claras a respeito de acreditarem ser melhor estudar juntos durante todo o período escolar ou separados durante todo o período. Exceções podem ser encontradas em: *“Para mim a experiência de estudarmos juntas até o ensino médio foi ótima”* (A2), *“Acredito ser benéfico o fato de termos estudado juntas em grande parte do período escolar (só não estudaram juntas na universidade), tanto para o desenvolvimento pessoal, quanto para a relação entre irmãs”* (E2) e

“É muito difícil de irmãos gêmeos, idênticos ou não, estudarem na mesma turma. Desde pequenos precisamos desenvolver a habilidade de interagir com outras pessoas. Os dois estudando na mesma turma há uma possibilidade de não fazer novos amigos, já que têm um ao outro. Eles precisam se desvincular, criar seu próprio círculo de amigos e aprender a ‘se virar’ sozinhos” (M).

Muitos relataram opiniões mais concretas sobre este assunto no que concerne especificamente à educação infantil, em geral vendo este período como

um momento em que é importante estar junto com o irmão: *“No início da vida escolar eu acho que é sim importante esse contato, pelo menos para mim foi MUITO bom e importante”* (D2), *“Acredito que o fato de ter alguém conhecido e confiável estudando junto minimiza os sentimentos de ansiedade tão comuns nas crianças que estão iniciando na educação infantil”* (I2). Outros exemplos:

“Acredito que ter estudado junto com a minha irmã gêmea nos primeiros anos escolares contribuiu de maneira positiva no desenvolvimento das duas. Certamente, para nós que temos um vínculo muito grande, essa separação no início poderia provocar sofrimentos e prejuízos na nossa adaptação” (E1).

“Penso que a experiência de iniciar uma nova etapa da vida, onde a criança se insere em um novo contexto social e de aprendizados diferentes ao lado de uma pessoa com quem já se tinha um vínculo afetivo foi positivo, facilitando minha adaptação ao novo contexto vivenciado” (I1).

“Os pais ficam apreensivos ao deixar os filhos na escolinha a primeira vez e saber que desde o primeiro momento já terei uma companhia foi positivo para eles, acredito eu. E para nós, claro. Acho que não teve nada de negativo em termos de ser da mesma turma na pré-escola” (M).

Conforme já citado, David e colegas (2000) corroboram a ideia de ser positivo gêmeos estudarem na mesma turma neste período, afirmando que os gêmeos que ficam juntos na pré-escola se dão melhor acadêmica e socialmente.

No entanto, uma participante que não estudou com a irmã neste período afirma: *“Acredito que tenha sido adequado (não estudar junto), pois cada uma tinha sua sala e suas amigas”* (O). Outra relata não ter sido bom para o seu desenvolvimento compartilhar da mesma turma que a irmã durante a educação infantil:

“Lembro-me que foi um período em que eu era muito dependente da minha irmã. Como a timidez era muito grande da minha parte, eu usava a minha irmã como porta-voz: até para pedir à professora para ir ao banheiro. Um ponto positivo de termos estudado juntas nessa época foi o fato de eu ter tido uma companhia em tempo integral, porém, por outro lado, isso impediu de eu me socializar por mim mesma com os colegas [...] Queria destacar também a barreira que estudar com a minha irmã na pré-escola criou em mim. Causou-me dependência dela e dificuldades de socialização” (C2).

Percebe-se também em outros questionários dificuldades com relação a estabelecer amizades e desenvolver independência, porém não foi relatada pelos participantes como negativa a experiência de ter estudado junto. Parece que o fato de estudar junto serviu para estes sujeitos como uma forma de se defender de tais enfrentamentos, de não precisar reagir a eles, já que perceber e admitir que não foi uma alternativa saudável para o seu desenvolvimento não é uma tarefa fácil do ponto de vista psicológico. O que se pode pensar é que C2 já havia refletido anteriormente sobre tais questões, demonstrando maturidade com relação a este assunto, ou ainda que o fato de ter tido experiência tanto de estudar junto como separada da irmã pode ter gerado essas reflexões, as quais não aparecem nos

questionários daqueles que estudaram juntos durante toda vida escolar. Outra possibilidade é que o fato de C1 e C2 terem tido diversas mudanças de escolas ao longo da vida escolar e, com isso, terem alternado o estudo juntas e separadas várias vezes pode ter sido prejudicial no sentido de que quando estariam conseguindo estabelecer autonomia e conquistando amizades, logo se uniam novamente na mesma turma e rompiam tal desenvolvimento.

Ainda é válido refletir que tais dificuldades poderiam não existir com outros gêmeos na mesma situação, visto que C1 não parece compartilhar da mesma opinião com a mesma intensidade que a irmã. C1 corrobora a opinião de C2 de não terem desenvolvido independência, no entanto não é tão enfática quanto às dificuldades geradas. Com relação à educação infantil afirma: *“não gostávamos de ficar separadas, mas foi uma boa experiência. O único aspecto negativo é que dependíamos muito uma da outra para falar com os professores e não desenvolvemos independência”*. Isto indica que a personalidade dos gêmeos é um fator importante para a decisão sobre separá-los ou não na escola. Neste caso, C2 afirma que era muito tímida. Talvez por isso não tenha conseguido se independizar da irmã, e esta por sua vez também tendia a se manter sempre próxima de C2. Gêmeos mais extrovertidos talvez não tivessem a mesma dificuldade.

Segundo Bacon (2006 *apud* Vieira e Branco, 2010), algumas crianças gêmeas são ativas desde cedo na construção de suas próprias identidades, buscando diferenciação. Outras encontram mais dificuldade, convivendo com a ambivalência por muitos anos. A partir disto, poderíamos pensar o quanto a escola poderia ajudar na diferenciação dos gêmeos. O autor citado por Vieira e Branco (2010) ainda afirma que os pais têm papel-chave na comunicação da identidade gêmea aos filhos. Porém, acredito que os professores também têm esse papel, especialmente quando recebem dois irmãos na sua turma. Tendo em vista a pesquisa de Lucion e Escosteguy (2011), que sustenta que os bebês buscam os adultos em detrimento do irmão gêmeo, pode-se pensar que especialmente na educação infantil o professor tem um papel importantíssimo de incentivar o desenvolvimento de características necessárias para a constituição do sujeito. Não seria diferente para o estímulo da diferenciação entre os gêmeos.

Sendo assim, parece ser importante, como acreditam Vilagínés (2007), Leeuwen e colegas (2005) e Coventry e colegas (2009), deixar a tarefa da decisão sobre a separação ou não dos gêmeos a critério dos pais, uma vez que conhecem

seus filhos e podem identificar o que será melhor para eles. No entanto, deixar que os professores opinem sobre o caso não parece uma decisão ruim, já que estes também teriam a oportunidade de conviver com as crianças e identificar o que seria melhor para elas. Contudo, esta decisão deveria ser tomada com base na ideia de que ainda não foram encontrados argumentos suficientes para sustentar uma opinião sem conhecer as crianças. Portanto, essa reflexão deve ser realizada juntamente com os pais e com o cuidado e o respeito que exigem, uma vez que, como vimos com o exemplo de C2, e talvez de outros que não relataram ou mesmo não perceberam, pode gerar consequências ruins para a criança.

4.3 Benefícios e malefícios quanto aos estudos e à aprendizagem

Poder estudar juntos para as provas e auxiliar um ao outro nos estudos apareceu como um fator positivo de estudar na mesma turma em 16 questionários. Alguns exemplos são: *“Compartilhávamos as atividades propostas, estudando juntas em casa. Muitas vezes uma auxiliava a outra nas dúvidas quanto às matérias vistas em sala de aula”* (E1), *“O que sempre achei bom em relação a estudar junto com meu irmão gêmeo era que podíamos nos ajudar em trabalhos e no estudo para provas”* (F1), *“As dificuldades que encontrei, ela me ajudou a entender, pois tem mais facilidade com exatas e eu com as biológicas”* (H1).

Dos 11 questionários restantes, apenas uma afirmou não estudar em casa com a irmã e os demais não falaram sobre este assunto. K afirma que *“Apesar de sermos da mesma turma, dificilmente estudávamos juntas para as provas, cada uma tinha seu método de estudo”*. Porém informa que *“nos trabalhos em grupo, quase sempre ficávamos juntas”*. Outros também enfatizam os trabalhos em grupos que eram feitos juntos: *“[...] todos os trabalhos escolares que precisava de duplas nós fazíamos juntas”* (Q), *“sempre nos ajudávamos e fazíamos trabalhos juntos”* (G2), *“[...] o fato de estudarmos na mesma turma sempre fez com que procurássemos fazer os trabalhos juntos, porém um fato negativo que eu reparei que começou a acontecer foi que como tínhamos os mesmos gostos nas matérias, nossas notas ficavam bem parecidas”* (J2).

H2 ressalta que *“um ponto que poderia ser prejudicial é a competição entre notas, mas isso nunca foi incentivado na minha família, de modo que a diferença de notas, quando existia, nunca foi problema (eu era melhor na área de exatas e minha irmã na área de humanas)”*, mostrando que esta situação que poderia ser problemática, se for bem compreendida pela família não causará problemas.

Outros cinco gêmeos trouxeram como aspecto positivo de estudar na mesma turma o fato de terem os mesmos horários a cumprir. Destaca-se: *“[...] íamos à aula juntas, as aulas eram nos mesmos horários, os trabalhos em grupo extra-escolares eram nos mesmos endereços, o que facilitava para nossos pais”* (C1) e *“trocamos de escola novamente [...] não conseguimos mais estudar juntas para as provas e alguns dias que ela tinha aula eu não tinha e vice-versa, então também dificultou a nossa ida e volta da escola”* (C2).

Nesta categoria chamam atenção duas frases com relação à aprendizagem: *“o lado negativo talvez tenha sido saber que haveria aquela ajudinha, talvez não focando muito nas nossas dificuldades, sabendo que no apuro teria a irmã que não te deixaria na mão”* (B1), *“(estudar juntas) fazia nos empenharmos (mesmo que inconscientemente) mais nos estudos. Queríamos sempre estar ao menos com a nota parecida uma com a outra para não haver comparações”* (D2).

Com isso, podemos pensar que, embora a grande maioria respondesse ter sido útil o fato de estudar com irmão em casa, com relação à aprendizagem em si fica a dúvida do que seria o mais eficiente, pois temos respostas opostas. Enquanto para uns estudar juntos fazia com que se esforçassem ainda mais, para outros estudar juntos tinha o efeito inverso. Q também informa que *“Com a vinda da adolescência, deixamos de focar nos estudos e uma foi no 'embalo' da outra. Nós duas repetimos de ano, na mesma disciplina. Acredito que se ficássemos em salas separadas, em turnos separados, não teríamos reprovado.”* Porém a mesma pessoa informa que após recuperarem a disciplina, realizaram todos os trabalhos juntas e melhoraram significativamente, tendo as duas um bom desempenho.

Tully *et al.* (2004) informa que gêmeos dizigóticos que foram separados após o primeiro ano na escola se esforçavam mais nos estudos quando comparados com os dizigóticos que não foram separados. No entanto, neste caso não podemos fazer esta comparação visto que D1 e D2 são univitelinas, bem como Q, que também é univitelina; e B1 e B2 embora bivitelinas, estudaram juntas durante todo o período escolar.

4.4 Questões afetivas envolvidas no período escolar

Muitos aspectos relacionados com a afetividade e o relacionamento entre os irmãos apareceram nos questionários e demonstraram o forte vínculo presente na relação entre gêmeos:

“[...] nas festas de aniversários eu só gostava por que sabia que não estaria sozinha para ir atrás do bolo. Era como se dividíssemos a ‘vergonha’. [...] no ensino fundamental e médio eu sabia que podia optar por não cantarem parabéns, eu não queria, mas ela adorava, não tinha muita escolha, então eu cantava junto, mas era pra ela” (B2).

B1 também se manifesta afetivamente com relação à irmã: *“como eu tinha medo de ficar na creche, ela ficava sempre comigo, me dando força” e:*

“Se eu entendesse melhor (a matéria) ajudaria ela para que estivéssemos sempre no mesmo nível, com a mesma nota. Quando isso não acontecia, me sentia culpada, parecia que minha nota não teria o mesmo peso. Acredito que isso tenha sido um único ponto negativo.”

Ao contar sobre a experiência que estão tendo na universidade, B1 afirma: *“Às vezes quando ouço ela reclamar da matéria ou dizer que está com medo, sinto vontade de pegar e estudar por ela, como se pudesse no dia dar uma ajuda.”*

Outros gêmeos também manifestam um forte vínculo com o irmão: *“a gente nunca estava sozinha, nós éramos melhores amigas, nunca nenhuma era abandonada. Se a minha irmã sofresse bullying, também era um bullying pra mim” (P), “[...] na época das notas do vestibular eu ficava apreensivo quando sabia que ele tinha ido pior em alguma matéria, pois tinha medo de eu conseguir a vaga e ele não. Na minha cabeça isso não poderia acontecer” (J1), “Sou muito grato de ser gêmeo [...] sempre tive orgulho de ter uma irmã gêmea que sempre pôde me ajudar e sempre que precisou soube que podia confiar em mim” (F2), “Certa vez entramos em conflito com alguns meninos da escola que estavam implicando conosco, e a nossa cumplicidade era tanta que não contamos a ninguém. Resolvemos o problema sozinhas, sempre procurando uma apoiar a outra” (I2), “Posso dizer que em vários momentos estamos pensando na mesma coisa” (J2) e:*

“Durante as provas a gente colava bastante entre só nós dois [...] quando tinha uma resposta diferente, discutíamos durante a prova para ver onde ocorreu o erro e quem cometeu. Não sei como conseguíamos fazer isso durante a prova, mas como gêmeos tínhamos nossos métodos” (J1).

Aqui cabe lembrar que o vínculo que existe entre irmãos gêmeos é muito forte e que possivelmente é o mais forte que existe. Por isso, devemos ter o cuidado de

respeitar este sentimento para não tomarmos decisões de forma estereotipada (Vilaginés, 2007).

4.5 Amizades

O tema amizades apareceu no questionário de 14 sujeitos, o que mostra que é um assunto que não pode ficar de fora da reflexão sobre separar ou não os gêmeos na escola. Muitas vezes este assunto surge inclusive no período pós-escolar, ou seja, a experiência com relação às amizades também é importante na universidade ou no curso técnico.

A1 conta que ela e a irmã inicialmente faziam o mesmo curso, mas depois *“quando troquei de curso foi mais difícil fazer amizade”*. P que entrou na faculdade anos antes da irmã, também se refere às amizades neste período:

“No começo da faculdade foi horrível me separar da minha irmã, achei que não ia ter amigos [...] após um tempo me adaptei [...] tínhamos amigos diferentes e que não eram amigos uma da outra [...] mas com certeza depois que ela entrou na faculdade pude presenciar um pouco do que ela presenciou quando eu entrei na faculdade. Eu tinha ciúmes dos amigos novos dela”.

D1 já mostra outro ponto de vista, de quem ainda estuda junto com a irmã: *“Atualmente faço curso técnico com minha irmã. Me parece bem natural, andamos no mesmo grupo de amigos e nos damos bem”*.

Alguns se referem à questão das amizades com relação à personalidade deles próprios:

“Como a timidez era muito grande da minha parte [...] isso impediu de eu me socializar por mim mesma com os colegas, visto que até mesmo as amizades que eu tinha eram feitas primeiramente pela minha irmã (e na minha cabeça esses amigos eram mais próximos e gostavam mais dela)” (C2).

Após se referir à educação infantil, C2 conta sobre a experiência nos anos iniciais do ensino fundamental, quando ficou em turma diferente da irmã: *“Fiz amigos por mim mesma, mas sinto que transferi um pouco do papel que a minha irmã fazia para uma das amigas”*. I2 também se manifesta com relação à personalidade delas: *“Nós sempre fomos um pouco tímidas, acredito que minha irmã mais que eu, o que dificultou estabelecer novas amizades na escola nova, mas sempre mantivemos a cumplicidade, o que amenizava o pouco entrosamento com o restante da turma”*. *“A experiência era ótima, pois ela sempre foi mais extrovertida e fazia amizades para*

nós; havia conflitos, claro, mas era ótimo ter a companhia dela, pois trazia mais segurança onde quer que eu fosse” (N).

Acredito que um fato importante a se considerar a respeito dos relatos, não só com relação às amizades, mas a todos os tópicos abordados, é a maturidade de cada sujeito. Mais uma vez parece que tem que ser analisado o quanto cada gêmeo percebe realmente os efeitos de suas atitudes ao longo de todo o desenvolvimento. C2 parece ter tido esse momento para reflexão e compreensão de que não foi bom ter se aproximado tanto da irmã no início da vida escolar. Porém, há tantos outros que respondem como sendo uma experiência boa ter ficado sempre junto do irmão. Talvez possamos nos questionar se essa foi a sensação que tiveram na época ou se realmente acreditam até hoje que isso foi bom, pois saber que as amizades não foram conquistadas por si mesmo, será que é realmente agradável? Também é uma questão que depende muito da personalidade de cada um. Muitos são os questionamentos que ficam em aberto.

Também aparece em alguns questionários a questão do irmão gêmeo como amigo:

“Quando entramos na escola não sabemos como as coisas funcionam e estamos cheios de medos e receios, mas com ela a experiência, ao meu ver, foi mais fácil, pois eu já possuía uma amiga que sempre estava comigo e com quem eu poderia sempre contar” (D2).

De maneira geral, poderíamos pensar que estudar separado tenderia a aumentar o círculo de amizades ou desenvolver amizades diferentes. L desfaz essa ideia: *“a gente estudava separado, mas tinha os mesmos amigos na escola”*. B2 já mostra que mesmo estudando junto com a irmã os amigos não eram os mesmos: *“A gente começou a se separar na sala, ela tinha um grupinho de amigas e eu outro”*. Outros que estudaram juntos afirmam ter sido bom compartilhar dos mesmos amigos com o irmão, como afirma D2: *“Nesta época o nosso círculo social praticamente se fechou e andávamos em bando, era muito bom tê-la junto como parte do grupo”*. E1 também se expõe sobre esta questão: *“o círculo das nossas amizades poderia ter sido maior se estivéssemos em turmas diferentes. No entanto, não vejo esse aspecto como prejudicial ao nosso desenvolvimento, pois adorávamos ter os mesmos amigos”*. E2 complementa que *“os amigos eram os mesmos, entretanto com cumplicidades diferentes”*.

Ainda sobressai uma frase relatada por P: *“Nunca existiu uma pessoa que só era amiga de uma de nós”*. Aqui novamente aparece a questão da diferenciação das

peças com relação aos gêmeos. Chama atenção o fato de não existir alguém que se relacionasse mais com apenas uma delas, como se as duas fossem uma extensão da outra. E1 também traz este assunto quando fala: *“por estudarmos juntas e com os mesmos colegas desde as séries iniciais eles já compreendiam que éramos pessoas diferentes e cada uma tinha a sua própria personalidade”*. Parece que há uma dificuldade das pessoas que convivem com gêmeos em vê-los separadamente. Esta deve ser mais uma função do professor que recebe irmãos gêmeos na sua turma, ele deve alertar quando surgem situações de indiferenciação, comunicando que uma é diferente da outra. Para os gêmeos é importante a percepção dos demais como duas pessoas com características pessoais individuais, que podem ser parecidas, mas que têm diferenças.

4.6 Dependência/independência

A questão da dependência/independência do irmão surgiu em muitos questionários de diferentes maneiras. São incluídas nesta categoria algumas frases que não são trazidas pelos gêmeos como dependência/independência. Por essa razão, não é contabilizado o número de vezes que o tema aparece, uma vez que pode não ser vista pelo participante como uma questão de dependência/independência.

Algumas falas demonstram que aparentemente a independência do irmão veio com a entrada no ensino superior ou ao longo deste período. Alguns exemplos que demonstram isso são de E1 e G1 respectivamente:

“Estudávamos na mesma universidade, porém, não na mesma turma, foi neste momento em que ocorreu a ‘separação’. Vejo esta etapa de maneira muito positiva, pois já estávamos amadurecidas o suficiente para nos separarmos e formarmos diferentes vínculos de amizades.”

“A faculdade era a mesma, com as mesmas cadeiras até determinado semestre. Como meu irmão e eu sempre estamos juntos, a presença dele me deixava mais tranquilo, até mesmo por ser um ambiente novo, com pessoas novas e o que representava novos desafios. Com o passar do tempo fiz amizades na faculdade e ele também, e o curso nos ‘separou’. Mesmo assim, já que morávamos juntos ainda, a separação era rápida e sem ‘traumas’.”

Dois falas se destacam com relação aos estudos no período pós-escola: *“A experiência mudou quando entrei na faculdade, afinal estou estudando sozinha*

(separada) e às vezes sinto falta de alguém para estudar comigo [...] encontrei dificuldades estudando sozinha, estou mais ansiosa e estressada” (H1) e:

“Estou cursando uma especialização. Foi o primeiro momento estudantil que frequentei sem a minha irmã. Percebi dificuldade na hora de fazer trabalhos em duplas por exemplo, antes quase sempre eu fazia com a minha irmã, e como já estávamos acostumadas com a forma de uma e de outra pensar, o trabalho fluía mais fácil. Agora, quando faço trabalho em dupla com uma pessoa que não tenho tanto contato meu esforço precisa ser maior para entender a outra pessoa” (I2).

O fato de terem estudado juntas a maior parte da vida trouxe dificuldades às gêmeas quando saíram da escola e tiveram que se separar nos estudos, pois lidar com outras formas de estudar e de pensar era algo novo. Este é um tópico ao qual o professor também pode estar atento em sala de aula quando recebe irmãos gêmeos em sua turma. Mesmo que gêmeos compartilhem a mesma turma, podem e devem aprender a lidar com outras formas de estudar, de pensar e de trabalhar em grupo, ou seja, desenvolver a habilidade de se relacionar efetivamente com outras pessoas e não apenas com o irmão, com quem já está habituado. Se o professor incentivar que os irmãos mesmo na mesma sala de aula possam de vez em quando fazer trabalhos em grupos diferentes, por exemplo em que o professor sorteia os grupos, proporciona aos alunos em geral, e não só aos gêmeos, aprenderem a lidar com outras formas de pensar.

“Estou fazendo cursinho pré-vestibular, comecei o curso junto com o meu irmão. Quando foi para escolher as turmas, eu queria ficar em turmas separadas, já ele queria que ficássemos juntos. Acabamos escolhendo a mesma turma. Depois de alguns meses eu acabei trocando de curso e algum tempo depois meu irmão também quis trocar para o mesmo que o meu. Eu não queria que ele trocasse, mas não o impedia. [...] Meu irmão quer fazer tudo junto comigo ou quer que a gente faça igual, eu prefiro cada um pro seu canto. Acho que a gente já fez muita coisa juntos; desde que nascemos fazemos tudo igual ao outro.” (L)

L traz aqui uma questão importante que trata dos diferentes tempos de cada um, aspecto ao qual o professor em sala de aula também deve estar atento. Neste trecho, L está falando do cursinho pré-vestibular, onde a função do professor é diferente da do professor do ensino básico. Porém, especialmente o professor da educação infantil e dos anos iniciais deve atentar. O fato de um irmão não estar preparado para se desvincular do outro não pode atrapalhar o outro de se desenvolver. L estudou junto com o irmão apenas durante a educação infantil, e nos demais períodos escolares estudaram em turmas diferentes, o que evidencia que estudar em turmas separadas não é necessariamente o fator mais importante para desenvolver a autonomia. O achado de Oliveira e Cerveny (2010) corrobora a ideia de que as similaridades e diferenças entre irmãos não podem ser atribuídas a ambientes compartilhados ou não compartilhados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise dos questionários, percebe-se que não há uma forte evidência nos relatos dos gêmeos de que estudar junto ou separado seria melhor. Há, sim, uma grande quantidade de questionários que explicitam experiências positivas em detrimento das negativas com relação a estudar junto com o irmão. No entanto, não houve entre os que estudaram separados a opinião de que a experiência foi negativa. Ambas as possibilidades trazem aspectos positivos e negativos. Entre os mais citados, pode-se destacar que estudar tanto junto quanto separado do irmão tem como aspecto positivo o fato de poder estudar junto para as provas, já que a matéria, independentemente de estar na mesma turma, é a mesma para a mesma série na mesma escola.

Surge, porém, o questionamento quanto à confiabilidade dos fatos relatados, visto que são baseados em memórias e sentimentos e não apenas em opiniões. As diferentes personalidades indicam modos de pensar e lidar diferentes, o que talvez possa ser uma limitação do estudo. Em especial a maturidade chama atenção nesta pesquisa com o relato de C2 que traz uma reflexão mais aprofundada sobre a sua experiência negativa na educação infantil.

Tomar consciência que a experiência de dividir com a irmã o período escolar não foi positivo é algo que necessita muita maturidade. Tendo em vista que possivelmente essa foi uma escolha dos pais, é muito difícil aceitar que os pais não tomaram a melhor decisão com relação à vida do filho. Talvez por isso seja mais fácil aceitar que a experiência foi boa, pois puderam dividir as angústias do período escolar com o irmão. Isso é verdade, mas dividir as angústias tem um limite, que não deveria chegar ao ponto de alguém ficar feliz por o irmão fazer amizades para os dois.

Segundo Vilagínés (2007), vínculo se relaciona com desprendimento. Isso por que a capacidade de se vincular está relacionada com a capacidade de suportar a dor da perda. “A maturidade é diretamente proporcional às despedidas alcançadas” (p. 95, tradução minha).⁷ Com isso, pode-se compreender porque é mais fácil

⁷ “La madurez es directamente proporcional a las despedidas logradas” (p.95).

permanecer com o irmão ao longo de todo o desenvolvimento do que se separar dele, já que, para isso, precisa-se suportar a separação e junto dela as perdas de estar sempre junto, de ter alguém com quem contar sempre por perto, de ter alguém que dá segurança e que não exige que se estabeleça independência.

Neste trabalho, pode-se ter notícia de gêmeos que estudaram juntos ao longo de toda a vida escolar e também na universidade, optando pelo mesmo curso, de modo a se separar apenas na pós-graduação. Penso que isso pode ser visto como algo positivo, uma vez que demonstra que os irmãos têm uma boa relação, pois optaram, a princípio sem precisar – já que no Brasil não há lei que proíba gêmeos de estudarem separados – por estarem sempre juntos ao longo da vida escolar e acadêmica. Porém, isso só será positivo se ao longo do processo lhes foi permitido e estimulado desenvolver características pessoais, tais como às demais crianças que não possuem irmãos gêmeos.

Essa é uma tarefa que deve ser cumprida pelos pais, primeiramente, mas também pelos professores que estão diariamente com seus alunos e que mais que ensinando conteúdos, também educam para a vida, podendo fazer toda a diferença no desenvolvimento de uma criança. Se o professor que recebe uma dupla de gêmeos em sua turma tiver a consciência de que ele também tem um papel muito importante no desenvolvimento daqueles sujeitos, poderá em suas práticas diárias incentivar não a competitividade, mas a colaboração, não a dependência do irmão, mas a autonomia, não a crença de que um é a extensão do outro e que por serem similares devem ter os mesmos interesses, mas que cada um pode tomar por si as suas decisões.

Isso pode e deve ser feito principalmente na educação infantil, mas também com muita atenção nos anos iniciais e no restante do período escolar. Deixar que cada um escolha o brinquedo que quer brincar, que escolha o amigo com quem quer compartilhar um momento, que escolha a cor do lápis de cor. As escolhas podem ser as mesmas, pois as crianças vivem no mesmo ambiente e são criadas pelos mesmos pais, mas cada uma aos poucos irá definindo a sua personalidade, se estas decisões lhes forem permitidas.

Identificar o que faz parte de si e o que faz parte do irmão não parece ser tarefa tão fácil, como mostra I2 que estudou com a irmã desde a educação infantil até o nível superior: *“quando minha irmã disse que ia mudar de área pelas frustrações que tinha sofrido eu fiquei bem surpresa, mas já tinha feito a reflexão de*

que talvez a escolha dela também esteja ligada ao seu processo de diferenciação e autoconhecimento”.

Quanto ao desenvolvimento do trabalho, foi muito gratificante estudar um pouco de como se dá a vida escolar de gêmeos e as diversas repercussões tanto quando estudam separados quanto quando estudam juntos. Muitas outras questões poderiam ser aprofundadas a partir das ricas falas dos gêmeos. Assim, ficam outras questões a serem abordadas em outros estudos, como o motivo pelo qual gêmeos não podem trabalhar no mesmo setor de uma empresa, ou mesmo parentes em geral.

Também se verifica que poderiam ser feitas alterações no questionário, pedindo outros dados como a cidade onde estudaram a maior parte da vida escolar. Foi um dado que ficou de fora e que em outro estudo poderia se analisar se as escolas que proíbem gêmeos de estudarem juntos se concentram em uma região ou não. Também de poder verificar os motivos pelos quais os gêmeos estudavam juntos ou separados; se foi uma opção dos pais, se na cidade onde moravam havia apenas essa opção, ou se na região onde moravam havia apenas uma escola com uma turma só para cada série. Muitas alternativas são possíveis.

Pesquisar as diferenças específicas entre gêmeos univitelinos e bivitelinos seria outra alternativa, ou ainda estudos em que se possa comparar os dados de gêmeos de mesmo sexo com o de sexo oposto, como vimos que algumas pesquisas estrangeiras já abordaram.

Ficam aqui várias possibilidades de estudo na área de educação com relação a irmãos gêmeos que deveriam ser mais investigadas. Chama muita atenção o fato de haver tantos estudos nesta linha no exterior e ausência de pesquisa sobre este assunto no Brasil. Aqui no Rio Grande do Sul temos a cidade com mais gêmeos no mundo (Cândido Godói) e, no entanto, não se encontra pesquisa sobre o que é o mais adequado para estes sujeitos em termos de escolarização.

O que se encontrou até então não parece ser suficiente para direcionar pais e professores para uma escolha em detrimento de outra. Fica a ideia para ambos os grupos de que se deve analisar cada caso individualmente, de acordo com as características de personalidade, numa decisão em conjunto entre pais e professores bem informados. O que não pode continuar acontecendo, e que é muito comum, é as escolas definirem uma política de não aceitação de gêmeos juntos na sala de aula, sem um prévio conhecimento dessas crianças e conversa com os pais,

já que o argumento para isso tende a ser de que os gêmeos não desenvolverão autonomia, o que cientificamente não foi comprovado. Acredito que as escolas e professores que tiverem como meta incentivar o desenvolvimento da autonomia conseguirão desenvolver um bom trabalho com as crianças gêmeas que estudarem juntas. Assim, não precisarão separar-se no início da vida escolar, a não ser que essa seja a decisão dos pais, como também incentiva Tully e colegas (2004) a partir de seus estudos.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **DSM-IV-TR Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COVENTRY, William L. et al. Does classroom separation affect twins' reading ability in the early years of school? **Twin Research and Human Genetics**, Armidale, v. 12, n.5, p. 455-461, 2009.

DAVID, Daniela Leite et al. Tríade de contato íntimo: apego entre mãe e filhos gêmeos. **Revista de Biociências**, Taubaté, v.6, n.1, p. 57-63, jan./jun. 2000.

INSTITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS. **Projeto de lei nº 48, de 2007 - Dep. Neilton Mulim.** 2008. Disponível em: <http://www.iabnacional.org.br/IMG/pdf/doc-791.pdf> Acesso em: 18 set. 2014.

LUCION, Marta Knijnik; ESCOSTEGUY, Norma. Relação mãe-cuidadores de gemelares no primeiro ano após o nascimento. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.21, n.2, p. 307-318, 2011.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. O vínculo entre irmãos. In: OLIVEIRA, Adriana Leônidas de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Irmãos, Meio-irmãos e coirmãos: A dinâmica das relações fraternas no recasamento**. Curitiba: Juruá, 2010. Cap. 3, p. 93-118.

SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga. O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In: WAGNER, Adriana (coord.). **Família em cena: Tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 2, p. 93-110.

TULLY, Lucy A. et al. What effect does classroom separation have on twins behavior, progress at school, and reading abilities? **Twin Research**, Londres, v. 7, n. 2, p. 115-124, 2004.

VAN LEEUWEN, Marieke et al. Effects of twin separation in primary school. **Twin Research and Human Genetics**, Amsterdam, v.8, n.4, p. 384-391, ago. 2005.

VIEIRA, Alessandra Oliveira Machado; BRANCO, Angela Uchoa. Cultura, crenças e práticas de socialização de gêmeos monozigóticos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.16, n.3, p. 575-593, dez. 2010.

VILAGINÉS, Mercè Traveset. **La pedagogia sistêmica**. Fundamentos y práctica. Barcelona: Graó, 2007.

WEBBINK, Dinand; HAY, David; VISSCHER, Peter M. Does sharing the same class in school improve cognitive abilities of twins? **Twin Research and Human Genetics**, The Hague, v.10, n.4, p. 573-580, 2007.